

10.4025/6cih.pphuem.651

Zanzibar: comentários acerca do mercado de escravos em texto publicado na *Revista Europea de 1875*

Carlos Eduardo Rodrigues (UEM)

Publicada em Madri, Espanha entre 1 de março de 1874 à dezembro de 1879, a *Revista Europea* foi lançada por Eduardo Medina e Luis Navarro Calvo, editores e donos da editora madrilenha Medina y Navarro editores e representou um marco renovador nos estudos de filosofia deste país, seus editores possuíam um íntimo contato com o tema graças à proximidade com a Biblioteca Filosófica da cidade, onde Patrick Azcárate publicou pela primeira vez em língua hispânica dois clássicos da filosofia ocidental: Platão obras completas (1871-1872, 11 vols.) e Obras filosóficas de Aristóteles (1874-1875, 10 vols.). Anos mais tarde e por essa mesma biblioteca, Eduardo Medina viria a publicar as obras de Leibniz (1878, 5 vols.).

Essa experiência foi levada adiante na compilação da *Revista Europea* que entre 1875 a 1878 teve como editor chefe Armando Palacio Valdés (1853-1938), responsável por traduzir e publicar *La religión del porvenir* alemão Eduardo Hartmann e o *El pesimismo en el siglo XIX* do francês Erasmo María Caro, além de outros textos literários de escritores contemporâneos, contudo, os textos de filosofia iriam predominar com traduções e publicações de autores positivistas e evolucionistas, H. Spencer, T. E. Huxley, C. Bernard, entre outros, neo-hegelianos Antonio Fabie e Emilio Castelar e neokantianos José del Perojo.

A Medina y Navarro editores publicou os seis primeiro exemplares da revista, sendo os três primeiros de março de 1874 a fevereiro de 1875 e os três últimos de março de 1875 a fevereiro de 1876, neles os nomes dos editores estão gravados em um emblema, um livro aberto junto a plumas e uma caneta em seu tinteiro, entre nuvens, lançando raios de luz e com a legenda "Fiat Lux".

De março a junho de 1876 saiu o volume VII que foi produzido e editado por Victor Saiz, este retirou o emblema, no segundo semestre deste mesmo ano saiu o volume VIII e o emblema retornou a capa, o volume IX foi lançado no primeiro semestre de 1877 e no segundo semestre o volume X. Os volumes XI e XII são de 1878 sendo publicados um em cada semestre, no mesmo ritmo e no ano seguinte

foram lançados os volumes XIII e XIV. Ao todo a *Revista Europea* durou cerca de seis anos completos, de 1 de Maio de 1874 a 28 de dezembro de 1879, em 20 de junho de 1880 seria lançado o volume XV mas este não chegou a ser concluído.

Entre os artigos registrados ao longo dos seis anos completos da *Revista Europeana* deparamos com dois interessantes textos sobre a ilha de Zanzibar, ambos publicados no ano de 1875 e assinado por H. Capitaine, o primeiro é de 10 de outubro e se chama *Una visita al Sultán de Zanzíbar* (ano II, tomo V, nº 85, páginas 598-599), o segundo é do dia 24 deste mesmo mês cujo título é *El mercado de esclavosenZanzíbar* (ano II, tomo V, nº 87, página 679). No primeiro texto a assinatura do autor vem acompanhado das escritas “Médico de la armada francesa”, sendo esta a única informação que foi possível apurar, sobre a vida do autor, até o momento da redação deste artigo, todavia, a intensão deste trabalho não é falar sobre a vida H. Capitaine e sim apresentar, contextualizar e aprofundar as informações contidas no documento *El mercado de esclavosenZanzíbar*.

Assinado por H. Capitaine, que traduzido do francês significa H. Capitão, o documento em questão foi escrito em primeira pessoa e a sua estrutura gramatical sugere que o autor esteve em Zanzibar, além de deixar nítido a sua visão preconceituosa sobre a África e os africanos, seus oito parágrafos curtos e bem informativos nos trazem informações interessantes sobre a situação da escravidão na África oriental na segunda metade do século XIX. Desta maneira, o documento começa com a seguinte afirmação:

Nadie ignora que la ciudad de Zanzíbar es uno de los más activos centros del vergonzoso tráfico llamado trata de los negros.

Localizada no oceano Índico e próximo ao litoral da Tanzânia, a ilha de Zanzibar teve ao longo do século XIX uma ampla importância frente ao tráfico negreiro, sobretudo após a fundação do Sultanato de Zanzibar em 1840, pelo sultão Said ibn Sultan (1806-1856), árabe oriundo de Omã. Em solo africano os omanianos se concentraram principalmente no litoral, onde fundaram varias cidades e portos, responsáveis pela produção e escoamento das mercadorias, as fronteiras sobre influencia dessa cultura receberam o nome de suaíli (*swahili*) que em árabe significa a costa, nome também usado para denominar o idioma falado na região que é uma “fusão” de algumas línguas africanas com o idioma árabe.

O modelo de colonização estabelecido pelos árabes de Omã tinha todas as suas atividades voltadas para mercado internacional, sendo que sua dinâmica colonial se formou graças a expansão comercial e controle do oceano Índico, sua manutenção dava-se pela pujança econômica da região, devido aos investimentos financeiros e controle das alfândegas dos portos, pelos ricos banqueiros indianos, pela compra de produtos industrializados ocidentais, em especial as arma de fogo e tecido de algodão e pelo lucrativo comércio exportador de marfim, escravos e cravo da Índia, este produzido através dos sistemas de *plantations*.

A hegemonia construída pelos árabes de Omã no comércio do oceano Índico, era claramente reconhecida pelas autoridades e governos ocidentais, assim como o amplo uso e dependência econômica que o Sultanato de Zanzibar tinha da mão de obra escrava. No entanto, na época em que o artigo foi publicado, 1875, a Europa já havia iniciado o processo de abolição e condenação da escravidão, uma ideologia abolicionista que visava atingir todos os meios negreiros e escravagistas do mundo atlântico antes de se interessar pelos efeitos dos tráficos nas zonas árabes, oceano Índico e o tráfico transaariano. As reflexões filosóficas do século XVIII que se apoiavam nas ideias de direito universal, bem-estar e à liberdade, provocaram uma mudança nas noções pré-concebidas sobre o negro, “de bruto e animal de carga, eles transformaram-no em um ser moral e social” (DAGET, 2010, p. 78).

Essas ideias abolicionistas se espalharam pela Europa fazendo surgir por toda parte burgueses revolucionários com aversão a escravatura e com eles diversas irmandades e grupos, em sua maioria religiosos, ligados a causa abolicionista, que se sentiam na obrigação de levar a opinião pública a apoiar esta nova ideologia. Os combates contra a escravidão percorreram todo o século XIX, suas ideias e conceitos se materializaram em legislações anti-escravidão e tratados internacionais anti-tráfico que foram sendo assinados ao longo do século, além disto, os combates serviram para difundir em meio à população as ideias abolicionistas que bem constituídas e fortemente embasadas tendiam de certo modo fazer com que a grande parcela da população europeia condenassem a escravidão.

Tais ideias abolicionistas é expressado no documento de H. Capitaine não só pelo uso das palavras “vergonzoso tráfico llamado trata de los negros”, mas também pelos apontamento expresso no parágrafo dois:

10.4025/6cih.pphuem.651

A pesar de los esfuerzos de las potencias europeas, la esclavitud, esa plaga del África, existe sin contradicción en los Estados del sultán Said-Bar-cash, y, contra los deseos de éste, sus súbditos poseen y poseerán esclavos por mucho tiempo.

As preocupações com a abolição mundial da escravatura começaram com os britânicos, já em 1787 e depois 1807 aparecem as primeiras e fracassadas tentativas de abolição coletiva e com o fim das Guerras Napoleônicas (1803-1815) o tráfico no Mediterrâneo, no oceano Índico e no Atlântico é retomado. As manifestações contra a escravidão provinham de uma filosofia moral de fraco poder de mobilização, mas depois de meio século essa filosofia ganhou corpo e as bandeiras anti-escravidão serviram de desculpa oficial às pressões ocidentais cada vez mais efetivas no litoral ocidental da África e por volta de 1860 já era comum uma presença pontual dos ocidentais em mares africanos, processo que já estava em curso, lentamente, desde 1830 nas regiões norte e leste do continente.

Neste contexto, sobretudo após 1841, a campanha abolicionista se tornou parte da política britânica e com isso diversos cônsules e diplomatas vão se espalhar pelo mundo para fiscalizar as ações do tráfico negreiro. Em Zanzibar, no ano de 1822, Said ibn Sultan assinou o Tratado de Moresby onde se comprometia a não mais exportar escravos para as potências cristãs, no governo do sultão Barghash (Said-Bar-cash) entre 1870 a 1888, sob ameaça de um bloqueio comercial e influenciado pelo cônsul britânico em Zanzibar, John Kirk, que atuou na cidade entre 1870 a 1886, foi assinado em 1873 o tratado Kirk-Barghash que fechava o grande mercado de escravos de Zanzibar, além de fazer com que o sultão se comprometesse a proteger os escravos libertos, em 1876 o mesmo sultão proibiu a ida de caravanas ao interior para capturar escravos.

Junto com os tratados, a marinha britânica e a do sultão se preocupavam em fiscalizar o mar na tentativa de evitar o contrabando, contudo o tráfico negreiro continuava, ainda mais depois que as proibições fizeram com que os preços aumentassem tornando esta atividade altamente lucrativa, não é por acaso que H. Capitaine escreve em seu texto que os súditos do sultão continuavam a ter e a praticar o tráfico negreiro. Este fracasso, em tese, das proibições legais levou a John Kirk a admitir “que a escravidão era parte integrante do islamismo árabe,

sendo os indianos (embora mulçumanos) os únicos a não ter o direito de possuir escravos” (LIEBOWITZ apud VIDROVITCH, 2004, p. 523).

Dando sequencia ao documento, no parágrafo três, H. Capitaine chega a Zanzibar acompanhado de um guia, provavelmente um dos mais novos traficantes de escravos, já que sua atividade anterior era o comercio de madeira. Ao sair do porto, H. Capitaine se deparara com uma arquitetura completamente oposta a arejadas e largas avenidas das cidades europeias, recheada de becos esteiros e fedorentos, as casas amontoadas escondiam uma praça de comércio de escravos.

Querendoun dia visitar el mercado de género tanextraño, acompañado de unguía inteligente enlamateria, y enotrotiempo comerciante em madera de ébano, hombre, por otra parte, excelente, entramos, al salir del puerto, en una callejaestrecha, capaz no más de permitir elpasosimultáneo á dos personas, cubierta de una espesa capa de polvo nauseabundo, y formada por dos hileras de casas de posada arquitecturacon una sola y pequena puerta, construida como para ocultar los misterios del interior, misteriosmuypoco gratos, á juzgar por el aspecto del exterior. Después de recorrer unas cuantascalles parecidas á laprimera, dessem bocamos en una plazapolvorienta y sin defensa alguna contra un sol ardiente.

Aberta e sem proteção contra o ardente sol tropical da ilha, a praça revelava a H. Capitaine “os misterios del interior, misteriosmuypoco gratos” do tráfico de escravos. Nesta praça, H. Capitaineteria encontrado sentados e rindo centenas de negrosexpostos para a venda, os melhores estavam vestidos com um pano ao redor da cintura, já outros estavam desfigurados devido as pinturas que eles mesmos fizeram sobre o corpo com o objetivo de se embelezar, ato que H. Capitaine atribuiu a “sufealdad primitiva”.

Uncentenar de negros sentados y riendo á careajadasencuanto nos vieron, mostrándonos unos dientes de una blanca deslumbradora, era lamercancía. Los mejor vestidos llevabanunpedazo de tela anudada á la cintura, y algunoshabían desfigurado, por medio de horribles pinturas, sufealdad primitiva, sindudaconel objeto de embellecerse. Todos presentabanel tipo más acabado de la bestial raza de Cham, consu frente aplastada y estrecha, su mandíbula inferior saliente, sus gordos y abultar loslabios, sugruesa y chata nariz con las aberturas enormes, sus alargadas orejas llenas de agujeros conhuesos aguzados enellos, y sus ásperos y lanudos cabellos cubiertos de grasancia y pestilente. No pudo ser más extrañanuestra impresióncuandolos vimos, pues sus fisonomías, alegres ó indiferentes, confundieron las ideas que teníamos preconcebidas.

No parágrafo cinco, a descrição do mercado continua:

Auncuandogeneralmente no se permite á los infieles ver á las mujeres, una monedahizo desaparecer todos los obstáculos, y entramos en una pieza grande, en lacualestaban acostadas unas treinta criaturas disformes, tristes muestras del bello sexo en aquel país, lamayor parte completamente desnudas, confundiéndose allí la degradación de lamujer con la indiferencia del animal.

O interessante em ambos os trechos é notar como o autor descreve os negros que estão ali expostos para venda, que permanecem separados e classificados como produtos em uma vitrine, os melhores ficam vestidos e os traços de “su fealdade primitiva” não são apresentados, dessa forma, em sua descrição, H. Capitaine os separa dos demais, os piores, cujo as marcas de tinta expressam melhor o seu caráter primitivo. No parágrafo cinco H. Capitaine relata outro aspecto do mercado, a separação entre os gêneros, homens e mulheres estão afastados não é por acaso, primeiro para se evitar o contato físico, inclusive o sexual, entre ambos, medida por sinal falha já que “una moneda hizo desaparecer todos los obstáculos”.

O segundo motivo da separação pode estar relacionada a suas funções e aos mercados que ambos os sexos são destinados. O mercado ocidental, as Américas, fazia uso intensivo de mão de obra escrava masculina em suas longas e produtivas *plantaions*, distribuídas pelo Brasil, Caribe e sul dos Estados Unidos, estes mercados compraram da África sul oriental, ao longo do século XIX, cerca de 407.000 escravos (LOVEJOY, 2002, p. 235, in tabela 7,7) e “uma base de dados suplementar abrange dados sobre 40.000 escravos homens nascidos na África, com idades entre 15 e 40 anos, vendidos em Cuba entre 1796 e 1867” (ELTIS; RICHARDSON, 2003, p. 11).

Já a mão de obra escrava feminina não era consumida pelos ocidentais em larga escala, mas sim pelos árabes, onde as mulheres eram muito utilizadas para os serviços domésticos e principalmente como concubinas nos haréns dos sultões, espalhados pelo mundo árabe e indiano, a maioria eram adolescente e adultas jovens, valorizada pela sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva. O uso de mulheres escravas como concubinas nos haréns de Zanzibar perdurou até o ano de 1919, 46 anos após o tratado de Kirk-Barghash de 1873 e 22 anos depois do banimento do estatuto de escravo, em 1897. Tristes e desnudas, as mulheres relatadas por H. Capitaine, cerca de trinta, se encontravam em um grau de degradação próximo a de um animal: “degradación de la mujer con la indiferencia del animal”.

H. Capitaine, em sua forma de descrever os africanos expostos no mercado, recorreu aos exageros de suas características físicas e antropológicas, lábios grossos, nariz chato com aberturas enormes, os ouvidos alongados e cheio de

buracos, com ossos afiados neles, cabelos crespos e o corpo coberto por gordura rançosa e fedorenta. Tal descrição nos transmite uma certa visão animalesco africano, um homem cujas características físicas são ressaltadas para mostrar ao leitor o quanto próximo este ser humano está do modelo classificatório de Carl von Linné(1707-1778).

O sistema classificatório desenvolvido por Linné foi apresentado no livro *Sytemanaturae*, nele o Homo Sapiens foi classificado em cinco grupos: Homem Asiático, Homem Americano e o Homem Selvagem, Homem Africano e o Homem Europeu, este último descrito como "Claro, sanguíneo, musculoso; cabelo louro, castanho, ondulado; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis", já a descrição do Homem Africano é: "Negro, fleumático, relaxado. Cabelos negros, crespos; pele acetinada; nariz achatado, lábios túmidos; engenhoso, indolente, negligente. Unta-se com gordura. Governado pelo capricho" (HERNANDEZ, 2008, p. 19 apud BURKE, John G).

Tal modelo classificatório foi integrado ao "discurso político-ideológico europeu, justificador tanto do tráfico atlântico de escravos como dos genocídios na África do Sul praticados pelos bóeres, e da violência colonialista contra as revoltas de escravos nas Américas. Esta contribuição da biologia somou-se, no século XIX, com as ideias filosóficas do alemão Friedrich Hegel (1770-1831), que em seu livro "Filosofia da história universal, a aistoricidade da África, tal como é considerada por Hegel, decorre, em particular, de duas razões interdependentes. A primeira, pelo fato de a história ser entendida como própria de um Velho Mundo que excluía a África subsaariana e a segunda por conceber o africano como sem autonomia para construir a sua própria história" (HERNANDEZ, 2008, p. 19).

As ideias filosóficas de Hegel e o modelo classificatório de Linné transpassaram o século XIX e permaneceram fortes por boa parte do século XX, fixando no imaginário ocidental ideias e conceitos sobre a África e os africanos. Entretanto, no que diz respeito a escravidão, o pensamento abolicionista europeu do século XIX já havia se encarregado de criar entre os ocidentais um juízo de condenação não só da escravidão como também de seus agentes, os mercadores de escravos, e é deste modo e com argumentos negativos que H. Capitaine fala sobre o mercador de escravos presente a praça de Zanzibar.

10.4025/6cih.pphuem.651

Pero más asqueroso aún que dichocadro, era la vil y baja figura delser que guardaba y nos elogiabasumercanciacon una brutalidad y un cinismo increíbles.

Tão abominávelquanto a imagem dos escravos expostos para a venda era a figura do mercadorque vigiava e elogiava os escravos de modo cínico e brutal, este individuo adquiria suas mercadorias por meio das caravanas, que se dirigiam para o interior do continente, aos arredores dos Grandes Lagos Equatoriais, usando as estradas que ligavam estas regiões ao litoral suaíli. Esses mercadores de escravos, árabes e/ou suaílis, ficavam dependente da economia de *plantation* do litoral e de Zanzibar, de modo que para manter o fornecimento de escravos esses mercadores estabeleceram comunidades no interior do continente e contatos permanentes com povos que lá viviam, em alguns casos, esses mercadores equipavam e financiavam expedições de caravanas para se dirigirem ao interior para capturar escravos e conseguirem marfim.

Depois de conhecer o mercador de escravosH. Capitaine se encantou com uma de suas mercadorias, uma pequena negra de 15 anos chamada Fátima que enrolada em um lindo pano azul, do qual lhe atribuía um destaque especial, tinha uma pele menos negras que as demais escravas, lhe conferindo segundo o autor, ao seus olhos reflexos de alguma inteligência.

Una de las negras, llamadaFatma, joven de quinceaños, nos inspiróinterés por su color menos negro que el de lasdemás, por leerseen sus ojosalgunosreflejos de inteligencia y por sucoquetería al envolverseenuntrozo de tela azul al clavar em nosotros sus curiosas miradas. Quisimoscomprarla, pero eldueño, sindudaconoeltaintención, nos dijo que no lavendía, y nos alejamos, regalando antes á Fatmaunbrazalete de cuentas de vidrio, elcual se pusocon infantil alegría.

Tal característica física, “su color menos negro”, talvez tenha sido o fator decisivo para o encanto de H. Capitaine que, ao se deparar com o “vergonzoso tráfico llamado trata de los negros”, deixou de lado as suas convicções anti-escravagistas e não mediu esforços para participar deste comércio, de modo a contribuir, junto com os árabes, para manutenção da “esclavitud, esa plaga del África”.Neste ponto, o que nos chama a atenção é a contradição expressada por H. Capitaine, se em um primeiro momento o autor condenou a escravidão e a atribuiu aos árabes, e ainda depois ressaltou o papel das potências europeias na luta para o seu fim, aqui, no sétimo parágrafo, H. Capitainenem sequer tentou esconder o seu interesse em comprar uma escrava.

Outra questão trazida por este trecho e que se refere ao texto como um todo também, foi à distância entre o discurso abolicionista ocidental e as suas práticas frente ao concreto problema da escravidão. Se de um lado este discurso servil para difundir na sociedade ocidental as ideias e valores de condenação à escravidão, servil também para alimentar a falácia de que todos os ocidentais, sem exceções, esclarecidos pela razão da modernidade, lutaram pela liberdade dos cativos africanos, este argumento também ajudou a criar a ideia de que os árabes-muçulmanos foram os responsáveis pela longevidade da escravidão especialmente no oceano Índico, deste modo, em defesa da bandeira da abolição mundial, este mesmo argumento foi somado a diversos outros fatores que serviram de justificativa para a colonização europeia na África na década de 1880.

Por fim, chegamos ao último parágrafo do documento.

Muchotiempo se ha creído que la trata era, si no el único, por lo menos el móvil principal de las continuas guerras entre los diversos pueblos de África; y así Sucedería acaso en la época del tráfico libre, en el cual dicho comercio había adquirido una extensión inmensa; pero desde hace cuarenta años el número de negros embarcados por los negreros es muy pequeño para explicar esas luchas perpetuas, en las cuales el prisionero, antes vendido, es ahora sacrificado. Se ha observado que existe un gran movimiento de emigración desde el centro de África hacia las costas, el cual empuja a las tribus del interior hacia el mar, y esta es la verdadera causa de estas guerras interminables; pues las tribus marítimas, demasiado débiles para luchar contra la inmensa presión venida del interior, retroceden constantemente, resistiendo, y concluyen por ser exterminadas y ceder su territorio a los vencedores, los cuales, a su vez, y por iguales causas, desaparecen después.

Na primeira parte, H. Capitaine fala das contínuas guerras existente no interior da África que, segundo ele, não pode ser explicado unicamente pelo tráfico negreiro, já que em “cuarenta años el número de negros embarcados por los negreros es muy pequeño para explicar esas luchas perpetuas”. Por muito tempo se pensou que os conflitos africanos fossem motivados apenas pelo tráfico negreiro, de certa maneira, este modo de pensar o problema interno africano não está de todo errado, a partir do momento que os chefes de reinos africanos observaram as vantagens de se vender os negros, primeiro para os árabes e depois para os europeus, as guerras por territórios e poder ganham, sem sombra de dúvida, um agravante maior, a captura de negros para atender a demanda internacional de escravos.

Quando a chegada do século XIX e com ele o pensamento abolicionista, os europeus passaram a acreditar na tese de que o tráfico negreiro era o mal de todo o

continente africano e assim a solução para os problemas era simplesmente a abolição mundial da escravatura, tal ideia foi levada até as últimas consequências pelas potências europeias e, tendo a Grã-Bretanha como carro chefe, este processo terminou com a colonização do continente africano.

Esta perspectiva pode ter encontrado algum resultado do lado ocidental do continente, já que estas regiões vendiam escravos quase que exclusivamente para as *plantations* americanas, no entanto, no oceano Índico a dinâmica escravista era outra, os escravos que dali eram retirados não atendiam exclusivamente as Américas, mas também os mercados da Índia, da península Arábica e, sobretudo, as *plantations* de cravo da Índia de Zanzibar e do litoral suaíli, cujo o auto consumo de escravos fez com que a população servil da ilha passasse de “12 mil em 1819 para a mais de 100 mil nos anos 1830, e no fim do século ainda era de 40 mil” (VIDROVITCH, 2004, p. 524), tal dinâmica se estendeu para o interior do continente acompanhando as estradas comerciais, onde este modelo de produção foi encontrado nas cidades de Tabora e até Ujiji.

O segundo ponto abordado pelo parágrafo diz respeito aos movimentos migratórios ocorridos no interior do continente. A região dos Grandes Lagos Equatoriais testemunhou, no século XIX, a ascensão de três ou quatro Estados, Buganda, Ruanda, Burundi e, por fim Bunyoro, que durante este período se fortaleceram e desenvolveram instituições burocráticas que lhes possibilitaram o controle e domínio das novas forças oriundas do litoral, as caravanas de escravos, o domínio do comércio em suas terras e o aumento da mão de obra, em especial a escrava, recrutada por meio das guerras de expansão territorial contra os seus vizinhos. A prosperidade desses quatro reinos forjou-se pela centralização do poder, eliminando a oposição, arrecadando os tributos, invadindo, assaltando e escravizando os reinos menores, provocando assim não só a expansão das terras sobre o seu controle como também uma diáspora forçada dos povos rumo ao litoral.

A colonização dos árabes de Omã no litoral do Índico permitiu não só o controle do comércio na região como também uma hegemonia sobre todo o oceano Índico e um prestígio mundial que só terminou com a instalação europeia no continente, esses árabes contribuíram para escrever um capítulo singular na história da África, foram os responsáveis pela difusão de sua cultura entre os africanos e por

10.4025/6cih.pphuem.651

sua diásporas, via a escravidão, para diversas partes do globo, este processo de colonização chegou ao interior do continente por meio das rotas comerciais que conectavam estas regiões ao litoral swahili.

A hegemonia árabe no comércio do oceano Índico teve seu esplendor no governo de Said ibn Sultan, na primeira metade do século XIX, foi a era em que os omanianos levarão para o interior novos bens e serviços junto com a cultura e a religião islâmica, porém, em longo prazo, essa nova cultura e religião, os novos bens e serviços, não teriam o mesmo esplendor para os africanos do interior.

O objetivo deste artigo foi cumprido, o documento foi todo apresentado e seus parágrafos debatidos, tal dinâmica permitiu extrair do artigo de H. Capitaine informações pontuais acerca da escravidão em Zanzibar e no oceano Índico, didático, claro e preciso, seus curtos parágrafos são de fácil compreensão, seus termos e palavras pejorativas transmite sua ideia central, a condenação da escravidão. Sua publicação em um periódico de circulação regular indica que seu público consumidor ia além do universo acadêmico ou do ambiente militar, atingia o europeu comum, porém letrado, aqueles cujas condições socioculturais e econômicas se encontravam acima da população média.

O artigo de H. Capitaine foi escrito dez anos antes da Conferência de Berlim (1884-1885) e tem um caráter claro de formador de opinião, seu artigo expressa como pano de fundo a política europeia pré-colonização, sua intenção é mostrar uma África degradada pelo tráfico negreiro e carente de civilização. Junto com demais escritos desta mesma época, o artigo de H. Capitaine contribuiu para consolidar em meio à opinião pública, a ideia de colonização do continente africano com sendo a única forma de acabar com os dois maiores e fundamentais fatores que impediam os africanos de alcançar o estágio civilizatório Europeu, a escravidão e o tráfico negreiro.

Referências Bibliográficas

DAGET, Serge. A abolição do tráfico de escravos. In: AJAYI, J. F. A.. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.

ELTIS, David; RICHARDSON, David. Os mercados de escravos africanos recém-chegados às Américas: padrões de preços, 1673-1865. **Topoi. Revista de História**,

10.4025/6cih.pphuem.651

Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 09-46, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.revistatopoi.org>>. ISSN: 2237-101X.

H. CAPITAINE. El mercado de esclavos en Zanzíbar. **Revista Europea**, Madrid, 24 de octubre de 1875, año II, tomo V, nº 87, página 679. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/rev/reu/1875/pdf/n087p679.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

HERNANDEZ, Leila M. G. L.. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Editora Selo Negro, 2008.

LOVEJOY, Paul E.. **A Escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

REVISTA EUROPEA. Disponível em: <www.filosofia.org/rev/europea.htm>. Acesso em 1 jun. 2013.

VIDROVITCH, Catherine C.. A colonização árabe em Zanzibar. In: FERRO, Marc (org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Anexo: Documento original

EL MERCADO DE ESCLAVOS EN ZANZÍBAR.

Nadie ignora que la ciudad de Zanzibar es uno de los más activos centros del vergonzoso tráfico llamado trata de los negros.

A pesar de los esfuerzos de las potencias europeas, la esclavitud, esa plaga del Africa, existe sin contradicción en los Estados del sultán Said-Barchash, y, contra los deseos de éste, sus súbditos poseen y poseerán esclavos por mucho tiempo.

Queriendo un día visitar el mercado de género tan extraño, acompañado de un guía inteligente en la materia, y en otro tiempo comerciante en *madera de ébano*, hombre, por otra parte, excelente, entramos, al salir del puerto, en una calleja estrecha, capaz no más de permitir el paso simultáneo a dos personas, cubierta de una espesa capa de polvo nauseabundo, y formada por dos hileras de casas de pesada arquitectura con una sola y pequeña puerta, construida como para ocultar los misterios del interior, misterios muy poco gratos, á juzgar por el aspecto del exterior. Después de recorrer unas cuantas calles parecidas á la primera, desembocamos en una plaza polvorienta y sin defensa alguna contra un sol ardiente.

Un centenar de negros sentados y riendo á carcajadas en cuanto nos vieron, mostrándonos unos dientes de una blancura deslumbradora, era la mercancía. Los mejor vestidos llevaban un pedazo de tela anudada á la cintura, y algunos habian desfigurado, por medio de horribles pinturas, su fealdad primitiva,

sin duda con el objeto de embellecerse. Todos presentaban el tipo más acabado de la bestial raza de Cham, con su frente aplastada y estrecha, su mandíbula inferior saliente, sus gordos y abultados labios, su gruesa y chata nariz con las aberturas enormes, sus alargadas orejas llenas de agujeros con huesos aguzados en ellos, y sus ásperos y lanudos cabellos cubiertos de grasa rancia y pestilente. No pudo ser más extraña nuestra impresión cuando los vimos, pues sus fisonomías, alegres ó indiferentes, confundieron las ideas que teníamos preconcebidas.

Aun cuando generalmente no se permite á los infieles ver á las mujeres, una moneda hizo desaparecer todos los obstáculos, y entramos en una pieza grande, en la cual estaban acostadas unas treinta criaturas disformes, tristes muestras del bello sexo en aquel país, la mayor parte completamente desnudas, confundiéndose allí la degradacion de la mujer con la indiferencia del animal.

Pero más asqueroso aún que dicho cuadro, era la vil y baja figura del sér que guardaba y nos elogiaba su mercancía con una brutalidad y un cinismo increíbles.

Una de las negras, llamada Fatma, jóven de quince años, nos inspiró interés por su color ménos negro que el de las demas, por leerse en sus ojos algunos reflejos de inteligencia y por su coquetería al envolverse en un trozo de tela azul al clavar en nosotros sus curiosas miradas. Quisimos comprarla, pero el dueño, sin duda con oculta intencion, nos dijo que no la vendía, y nos alejamos, regalando ántes á Fatma un brazalete de cuentas de vidrio, el cual se puso con infantil alegría.

Mucho tiempo se ha creído que la trata era, si no el único, por lo ménos el móvil principal de las continuas guerras entre los diversos pueblos de África; y así sucedería acaso en la época del tráfico libre, en la cual dicho comercio habia adquirido una extension inmensa; pero desde hace cuarenta años el número de negros embarcados por los negreros es muy pequeño para explicar esas luchas perpetuas, en las cuales el prisionero, ántes vendido, es ahora sacrificado. Se ha observado que existe un gran movimiento de emigracion desde el centro de África hácia las costas, el cual empuja á las tribus del interior hácia el mar, y esta es la verdadera causa de estas guerras interminables; pues las tribus marítimas, demasiado débiles para luchar contra la inmensa presión venida del interior, retroceden constantemente, resistiendo, y concluyen por ser exterminadas y ceder su territorio á los vencedores, los cuales, á su vez, y por iguales causas, desaparecen después.

H. CAPITAINÉ.
